

Seminário FESPSP “Incertezas do trabalho”

02 a 05 de outubro de 2017

GT 01: Antropologia Urbana

### **Trabalho, mobilidade e moradia: O ProUnista e o *habitus* da subjetividade neoliberal**

Leonardo F. Henrique de Oliveira<sup>1</sup>

Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo – FESPSP

#### **RESUMO**

O neoliberalismo deve ser compreendido para além de sua doutrina econômica e ideológica, principalmente por conta de sua capacidade de subjetivação e fabricação de novos sujeitos. Por neoliberalismo entende-se a hegemonia do *habitus* (razão corporificada) das classes sociais dominantes, representando “o projeto de realização máxima do capitalismo” (Sader, 2013, p. 146). **Se a economia é o método, o objetivo é mudar a alma**, potencializando o conceito de biopolítica (Dardot, Laval, 2016) a novos patamares. Assim, a racionalidade neoliberal exige a conversão do Estado em *empresa* e do cidadão em *empreendedor* – os pontos nevrálgicos da corporificação dessa subjetividade. Dessa forma, o aluno beneficiário do ProUni – Programa Universidade para Todos – é um excelente exemplo dessa subjetividade posta em prática: o *empreendedor* que vê no próprio corpo (e mente) o capital a ser frutificado pela lógica da *eficiência* e da *gestão* de si mesmo. A *governança* de todas as competências em sua trajetória de ascensão pelo **trabalho** qualificado tem como finalidade a realocação da **moradia** para regiões de classe média (em oposição aos bairros de origem) e a exaustiva rotina diária da **mobilidade** urbana enquanto narrativa justificatória da ascensão social pelo **mérito**.

Palavras-chave: Neoliberalismo. Subjetividade neoliberal. Meritocracia. *Habitus* de classe. Governamentalidade neoliberal.

---

<sup>1</sup> Graduando no bacharel em Sociologia e Política (6º semestre) pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Bolsista do Programa Institucional de Iniciação Científica PIBIC FESPSP 2016-2017 e Pesquisador Bolsista na Cátedra Celso Furtado FESPSP, 2017-2018.  
Contato: talktofabri@gmail.com

## ABSTRACT

The neoliberalism must be comprehended not only by its economics façade, but essentially for its capability of shaping the individuals subjectivities. By neoliberalism this article understand the hegemony of the upper dominant classes' *habitus*<sup>2</sup> (the embodiment of reason), the representation of the “maximum achievement project of capitalism” (Sader, 2013, p. 146). **Economics are the method; the object is to change the heart and soul**, empowering the conception of biopower (Foucault, 2015) to new standards. Thus, a neoliberal rationality requires the State's transformation into a corporation and the citizen into an entrepreneur - the neuralgic point of this subjectivity. In this way, the beneficiary student of ProUni - University for All Program - is an excellent example of this subjectivity put into action: the entrepreneur who sees in his own body (and also his mind) the capital to be gardened under the sense of efficiency and *self-management*. The governance of all competencies in their ascension path, based on qualified **work** opportunities, aims to reallocate their current **habitation** to middle-class urban areas (as opposed to their origin's neighborhoods) and the exhaustive daily routine of urban **mobility** as a justifiable narrative of social ascension by their own merit.

Keywords: Neoliberalism. Neoliberal subjectivity. Meritocracy. *Habitus* theorie. Neoliberal Governmentality.

---

<sup>2</sup> BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2015.

## SUMÁRIO

1. <u>INTRODUÇÃO</u>	3
2. <u>DESENVOLVENDO OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL E O CONCEITO DE <i>HABITUS</i></u>	6
3. <u>METODOLOGIA</u>	9
4. <u>TRABALHO, MORADIA E MOBILIDADE – DANDO CORPO À SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL</u>	12
5. <u>CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	18
<u>REFERÊNCIAS</u>	20

## 1. INTRODUÇÃO

Se cada período histórico é produtor do conjunto de saberes que justificam as hierarquias e as relações de dominação, Foucault (2015) enxerga nessas epistemologias uma teia de micro-poderes que, apesar de ter o Estado como elemento central, se articulam por outras esferas da vida social, situadas na periferia do poder. Essa periferia é composta pela família, religião, mídia, educação, exercendo não apenas o domínio dos corpos, mas a *fabricação*, moral e simbólica dos indivíduos (disciplinados e produtores). Bourdieu (2015b, p.205) entende a escola como o ponto nevrálgico do consenso social para a formação dos sujeitos, onde diversos *lugares-comuns* se constroem coletivamente, criando sentido e dando corpo às lógicas que coordenam a sociedade.

Resgatando esses pressupostos para analisar o neoliberalismo, Pierre Dardot e Christian Laval (2016) entendem que o cidadão (o mais expressivo resultado da coalização de classes presente na social democracia europeia, do pós-guerra) passa a se articular como empreendedor. A empresa é entendida como o modelo de subjetivação e o indivíduo é pensado como potencial capital a ser explorado (a educação reduzida a um mero fator de investimento para o aperfeiçoamento desse empreendedor e empresário de si mesmo). Este desaparecimento dos limites entre público e privado seria um dos pontos centrais do neoliberalismo que acaba por corroer e afastar-se do liberalismo clássico, que relacionava os interesses morais (egoísta ou altruísta) aos econômicos (Adam Smith). Diferença que a experiência de quase trinta anos de neoliberalismo [prático] desaprendeu e, como resultado, moral e ideologia aparecem como uma coisa só (Dunker, 2016).

Levando em consideração o papel formador e coesionador da educação na sociedade, faz-se necessário transpor essa linha de raciocínio para a realidade brasileira, uma vez que, de acordo com Pochmann (2014, p. 59), historicamente a educação vem sendo o elemento de maior *distinção social* de nossa sociedade, separando as classes dominantes e médias das camadas trabalhadoras, numa dicotomia entre corpo (o lugar social das classes subproletárias e trabalhadoras, reduzidas ao trabalho braçal) e mente (vocação das classes médias urbanas e das elites econômicas, lugar social do trabalho intelectual). Jessé Souza (2012a) ao aprofundar sua análise sobre a contribuição sociológica de Bourdieu e Taylor

entende que a classe média brasileira seria a *essência do privilégio*, compradora do *tempo livre* para a formação intelectual de seus filhos, apoiando-se sempre na *gramática do mérito* para justificar o abismo que a separa das classes “subalternas” e o desejo de encontro com as elites por partilharem do mesmo capital cultural.

Entretanto, com a implementação do Programa Universidade Para Todos – ProUni, fruto da lei nº 11.096/2005<sup>3</sup>, surge um *ator social* inexistente até então: o ProUnista, objeto de estudo dessa investigação. Considerado como um novo fenômeno social, esse trabalho tem por objetivo entender como se dá a construção da sua visão de mundo a partir da inserção no ensino superior, a criação das *narrativas que justificam sua trajetória* e a sua perspectiva do papel da educação [superior] no processo de ascensão social, uma vez que a opinião pública amplamente endossa a relevância da participação da qualificação acadêmica no processo de mobilidade socioeconômica dos indivíduos. (Pochmann, 2014, 69).

Qual a relação existente entre a nova *racionalidade neoliberal*, o sistema de clivagem social brasileiro, embasado na meritocracia – do trabalho e do estudo – e a jornada dos jovens da classe trabalhadora, rumo ao ensino superior? A hipótese levantada entende que a racionalidade do *indivíduo-empresarial* se faz presente com mais ênfase na construção da identidade do ProUnista, pois a competição e a gestão eficaz dos recursos disponíveis são os pressupostos para que o mesmo se torne um ProUnista, em primeiro lugar, ou seja, aprovado no Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM com destaque.

Combinando as categorias **trabalho**, **mobilidade** e **moradia**, interpretadas dentro de uma mesma perspectiva analítica, é possível traduzir a *construção simbólica* da imagem e a interação desses indivíduos com a sociedade neoliberal? Num país caracterizado por um capitalismo de tipo tardio (como o Brasil), com estruturas econômicas, trabalhistas e educacionais reféns dos parâmetros globais de competição, inevitavelmente certas categorias precisam ser revistas em novos

---

<sup>3</sup> É destinado à concessão de bolsas de estudos, parciais e integrais, visando à ocupação de vagas ociosas em universidades privadas por estudantes oriundos da rede pública de ensino e com renda familiar de até três salários mínimos. Cf. Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005, institui o Programa Universidade para Todos (ProUni). Disponível em: < [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2005/lei/11096.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/lei/11096.htm)>. Acesso em: 01 de setembro de 2017

termos para que a realidade apreendida seja reconstruída devidamente<sup>4</sup>. O ProUnista, enquanto fenômeno exclusivo da sociedade brasileira é o objeto ideal para explicitar as contradições sociais presentes em nossa sociabilidade e capitalismo. Se Weber (2004) já nos alertara que o trabalho ocupa uma posição central na construção das identidades dos indivíduos, pensando as sociedades do centro dinâmico do capitalismo, ao analisarmos uma sociedade do “sul global”, com cerca de 10 milhões de trabalhadores informais<sup>5</sup> e uma economia com desindustrialização precoce (Campos; Lima; Sonaglio; Zamberlan, 2010) fortemente dependente da exportação de *commodities* e uma crise econômica e política sem precedentes, essa centralidade do trabalho na formação da individualidade merece destaque redobrado<sup>6</sup>.

O ProUnista destaca as contradições que marcam as relações sociais no Brasil entre indivíduo e espaço urbano (seja público ou privado). Ao registrar a realidade de estudantes oriundos de extratos sociais desfavorecidos, que escolhem suas opções de curso, suas carreiras e instituições de ensino num cálculo *racionalmente gerido* para a sobrevivência social frente à violência simbólica e material, a pesquisa se depara com o choque de capitais culturais, sociais e de origem completamente distintos, agigantando as distinções de classe – antes camufladas pela impossibilidade desses alunos de acessarem ambientes de privilégio.

---

<sup>4</sup> Sobre a importância de analisar categorias dentro das perspectivas locais e a necessidade de cuidado ao “importar” teorias do norte global para pensar e refletir o sul do sistema capitalista, ver: FERNANDES, Florestan (1986, p. 76-108); SANTOS, Boaventura Souza. (2009, p. 23-56).

<sup>5</sup> Segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad) compilados pelo Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (Ibre/FGV). Disponível em: <<http://economia.estadao.com.br/noticias/geral,trabalhadores-informais-chegam-a-10-milhoes-no-pais,10000071200>>

<sup>6</sup> Sobre desemprego, pobreza, vulnerabilidade e baixa autoestima, criadores de um “buraco narcísico da masculinidade proletária”, ver SHUCMAN, L. V. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na Cidade de São Paulo*. São Paulo: Annablume, 2014.

## 2. DESENVOLVENDO OS FUNDAMENTOS TEÓRICOS DA SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL E O CONCEITO DE *HABITUS*

A expansão da governança [*corporate governance*] como gestão, inclusive em áreas antes protegidas como educação, saúde, cultura, meio ambiente, assistência social, a relação entre direitos e contrapartidas e a reprodução da lógica da concorrência entre as pequenas comunidades, são resultados de uma racionalidade que fabrica sistematicamente “subcidadãos”, transformados em empreendedores (na melhor das hipóteses) ou em simples *fardo social*.

Logo, o elemento principal dessa nova razão é o *indivíduo-empresarial*. Cada indivíduo seria um empresário que deve se autogerir, o corpo tornado uma empresa e um capital a se frutificar. Esse conceito apresenta em outros termos o que já foi chamado anteriormente de *sujeito hipermoderno, acumulação flexível, trabalhador precário, e sociedade líquida*<sup>7</sup>. Nesse contexto, todas as atividades devem assemelhar-se a uma produção, a um cálculo de custo, aliado ao imperativo do *sempre mais*, que visa intensificar a produtividade e eficácia de cada indivíduo em todos os domínios: escolar e profissional, mas também sentimental e sexual, e assim por diante. As atividades que permeiam a vida seriam concebidas essencialmente como um *investimento* no infundável processo de valorização do *capital humano*, sobre o qual o *indivíduo-empresarial* é inteiramente responsável.

Conforme Pierucci (2015) no ímpeto de elucidar o espírito do capitalismo, Weber o classifica como um *ethos*, definido nos seguintes termos: “um determinado estilo de vida regido por normas e folhado a ética.” Em suma, a palavra serviria para designar um conjunto de traços tidos como *característicos* de determinado grupo ou círculo social, ou mesmo de um povo.

Para Bourdieu (2005, apud. Souza, 2012), existe um *sistema de sanções e prêmios* inscritos objetivamente nas relações sociais que permite à estrutura organizar a experiência prática. Nesse caso, é decisivo perceber as *estratégias* dos atores em relação a essas determinações, uma vez que estas não podem ser pressupostas por uma lógica sistêmica considerada independente. À vista disso, a

---

<sup>7</sup> Para melhor aprofundamento nesses conceitos, ler respectivamente: LIPOVETSKY, G. **A Cultura-Mundo: resposta a uma sociedade desorientada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011; HARVEY, D. **A condição pós-moderna**. São Paulo: Loyla, 1992; STANDING, G. **The Precariat: the new dangerous class**. London: Bloomsbury, 2011; BRAGA, R. **Política do precariado**. São Paulo: Boitempo, 2012 e BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

resposta de Bourdieu é dada a partir da sugestão de uma relação articulada entre estrutura, *habitus* e práticas. Destes, o termo que interessa aqui é a noção de *habitus*, conceito que permite a saída da ‘prisão’ da estrutura na medida em que apresenta como a forma pela qual a *necessidade do campo pode ser introjetada nos agentes*, ou, mais que isso, *encarnada e incorporada*. O *habitus* consiste num sistema de estruturas cognitivas e motivadoras, ou seja, um complexo de disposições duráveis inculcadas desde a mais tenra infância nos indivíduos e que pré-moldam possibilidades e impossibilidades, oportunidades e proibições, liberdades e limites de acordo com as condições objetivas. Com isso em vista, procura-se aqui descobrir o *habitus* do ProUnista. Bourdieu (2015, p. 337-361) chama o *habitus* de uma *virtude feita necessidade*, resultante de dada condição econômica e social, implicando na inscrição dessas precondições, que passam a ser *traduzidas no sujeito* como um conjunto de estruturas perceptivas e avaliativas, servindo como uma espécie de filtro para todas as outras experiências.

[...] é o *modus operandi* capaz de engendrar tanto os pensamentos do teólogo como os esquemas do arquiteto [...] a origem de um processo orientado para um sentido final, porque foi percebido, interrogado e tratado segundo a lógica de certo sistema de esquemas de pensamento, de percepção e de ação... (2015, p. 349-357).

Nesse caso, seria um esquema de conduta e comportamento que passa a gerar (e gerir) práticas individuais e coletivas, criando toda uma série de comportamentos *razoáveis* e de *senso comum* que são possíveis dentro dos limites dessas regularidades. É o *passado tornado presente, a história tornada corpo e, portanto, naturalizada e esquecida de sua própria gênese*. Precisamente por ser uma espécie de história naturalizada numa espontaneidade sem consciência, o *habitus* é o elemento que confere às práticas sua relativa autonomia em relação às determinações externas do presente imediato (Souza, 2012). E, diga-se, a própria reprodução institucional só é possível dada à existência dessas disposições ajustadas a uma finalidade, revivendo e revigorando a letra morta depositada nessas instituições.

O *habitus* produz o que ele chama de “mágica social”, responsável pelas construções pessoais que tornam os indivíduos instituições feitas de carne. Neste sentido, *diferenças instituídas* tendem a se transformar em *distinções naturais*. As



instituições, desse modo, precisam estar reificadas não apenas em coisas e lógicas de funcionamento que transcendam os agentes, mas também têm que estar representadas nos *corpos* e em disposições de *comportamento durável*. Existe uma unidade de sentido compartilhada, que transcende indivíduos e grupos específicos, que é precisamente onde Bourdieu vê a possibilidade de constituição de um senso comum como o efeito da harmonização entre o sentido objetivo e o sentido prático levado a cabo pelo *habitus*. A partir daí, há a possibilidade de um todo mutuamente inteligível constantemente reforçado por práticas individuais e coletivas. A comunidade consciente pressupõe uma comunidade inconsciente, ou seja, um conjunto não tematizado de competências linguísticas e culturais que permite não só a comunicação consciente, mas o funcionamento semiautomático e irrefletido da vida cotidiana.

[...] a construção do *habitus* como sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. (BOURDIEU, 2015, p. 191).

O grande aporte crítico da teoria do *habitus* é precisamente a ênfase no aspecto *corporal* e automático do comportamento social, que para grande parte da tradição sociológica é a *internalização de valores*, evocando tendencialmente uma leitura que enfatiza o aspecto mais consciente e refletido da reprodução valorativa e normativa da sociedade. Se o estudo clássico da ideologia (Eagleton, 1997) pressupunha uma investigação epistemológica das ideias e o conceito marxiano (desenvolvido em sua maturidade intelectual na teoria do fetiche) trás a análise da ideologia para “a terra” é Foucault, com o conceito de *biopolítica* e Bourdieu, com o conceito de *habitus*, que trazem a ideologia para o *corpo*, para o aspecto menos consciente dos indivíduos, antevendo as [novas] dinâmicas que o capitalismo passaria a impor nas relações sociais com o alvorecer do *neoliberalismo*. Para Bourdieu, a ênfase estaria no condicionamento pré-reflexivo, automático, emotivo, espontâneo, *inscrito no corpo*, de nossas ações, disposições e escolhas. Os corpos dos indivíduos são, nesse sentido, na sua forma, dimensão e apresentação, a mais tangível manifestação social deles mesmo. Nossa cultura e socialização *pré-formam* todas as nossas *manifestações* expressivas em *gestos*, *escolha de vestuário*, corte de cabelo, *forma de andar e falar*, transformando o conjunto de nossas *expressões*

*visíveis em sinais sociais*. É com base nesses sinais visíveis que se *classificam* as pessoas e os grupos sociais e lhes são atribuídos *prestígio* ou *desprezo*. Essa corporação ou incorporação de sentidos, significados e esquemas avaliativos dá-se desde a mais tenra infância onde se aprende a treinar o corpo como reservatório de valores. Bourdieu (2015) localiza, portanto, primariamente nesses *valores corporificados*, fruto da persuasão invisível de uma pedagogia implícita, que pode inscrever e naturalizar toda uma cosmologia, precisamente por estarem além da percepção consciente e se mostrarem apenas em detalhes tidos como insignificantes, como de comportamento físico, maneiras de falar, andar e se portar (sendo a base de seu pensamento sociológico). Esses detalhes apontam para características essenciais do comportamento social. O corpo é, enfim, *o campo de forças de uma hierarquia não expressa*, entre gênero, classe, raça, grupos etários, regionalismos urbanos, entre outros, contribuindo decisivamente para a naturalização da desigualdade em todas as suas dimensões.

O aparato conceitual proposto por Bourdieu, frente às tradições intelectuais das ciências sociais, tem no conceito de *habitus* sua categoria nevrálgica e mais inovadora, permitindo *resignificar* o esquecido e o naturalizado. É esse aparato que permitiu, sob a perspectiva de que a dominação e a desigualdade têm sustentada importância em relação à lógica de harmonia e pacificação como reguladores sociais na sociabilidade brasileira, *descrever* a figura social do ProUnista.

### 3. METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida a partir de entrevistas com estudantes e ex-estudantes que, em algum período estiveram (ou ainda estavam) inscritos no programa Prouni. Ao todo foram 10 (dez) entrevistas em profundidade, devidamente registradas em gravações e transcrições. As entrevistas foram realizadas mediante questionário, composto de 30 (trinta) questões estruturadas em eixos temáticos que melhor atenderiam ao objetivo da pesquisa: educação, políticas públicas, **trabalho**, **moradia**, **mobilidade**, violência e política. Também fez parte do questionário perguntas de cunho estratificatório, tais como: sexo (gênero), idade, região de moradia, estado civil e raça/etnia. O presente artigo é o recorte dos eixos temáticos **trabalho**, **moradia e mobilidade**, por entender que esses três elementos melhor

traduzem a *subjetividade neoliberal* materializada no *habitus* do ProUnista e a sua relação com o urbano.

Abaixo a **tabela 1.0** apresenta a relação do prounista com as categorias **trabalho, moradia e mobilidade**.

<b>Prounista</b>	<b>Região de Moradia</b>	<b>Região em que Trabalha</b>	<b>Instituição e região em que Estuda</b>	<b>Região que almeja morar</b>	<b>Tempo de locomoção no trânsito</b>
1) M.A.	Itaquera	República	Faculdade Sumaré – Tatuapé	Centro de São Paulo	6 horas diárias
2) C.N.	Carapicuíba, Vila Marcondes.	Alphaville	UNIP – Santana do Parnaíba	Vila Madalena	5 horas diárias
3) R.F.	São Bernardo do Campo	Centro	UNICID – Ciência da computação	Centro de São Paulo	5 horas
4) M.S.	Bela Vista	Luz	Bela Vista	Bela Vista	30 minutos
5) F.S.	República		UniNove – Barra Funda	Centro	20 minutos
6) L.S.	Capão Redondo	Butantã	PUC - Perdizes	Perdizes	5 horas diárias
7) M.B.	Perdizes	Jardins	PUC – Perdizes	Perdizes	30 minutos
8) L.I.	Itaquera	Centro	UNICSUL – São Miguel Paulista	Itaquera	40 minutos
9) G.S.	Parada Inglesa	Centro	Mackenzie Centro	Higienópolis	1 hora e 20 minutos
10) R.M.	Casa Verde	Centro	Mackenzie Centro	Paulista	40 minutos

Partindo das teorias que sustentam essa pesquisa, que resignificam o neoliberalismo como um elemento de produção de uma racionalidade que transforma o indivíduo/cidadão em empresário/empreendedor, torna-se imprescindível o confronto dessas percepções com o campo, uma vez que a compreensão acerca do *habitus* que compõe a [governa] mentalidade certamente abre espaço para novas possibilidades de análise da sociedade brasileira.

O eixo temático recortado ajudou a situar o ProUnista no mercado de trabalho, de como o mesmo organiza sua narrativa de inserção e também em qual contexto trabalhista está submetido: tanto no interior do ambiente de trabalho, como em aspectos mais gerais, a exemplo, como se desloca pela cidade (ao trabalho, à universidade, na volta para casa), se há perspectivas de mudanças (tanto profissional quanto domiciliar) ou eventual expectativa de ascensão social, resultante da graduação superior, sua visão sobre transporte público e privado, suas condições de habitação e desnudar suas opiniões sobre pontos recorrentes, sobretudo relacionados ao mérito do esforço individual em oposição à políticas públicas redistributivas.

Quanto à análise dos dados obtidos por meio das entrevistas, utilizo as técnicas apropriadas para codificações de perguntas abertas, a partir da teoria fundamentada proposta por Strauss e Corbin (1993 p.23). A análise se baseou em uma atenta leitura tanto dos dados anotados e observados em campo, como também dos discursos proferidos pelos entrevistados. Tudo que foi relevante e emergente nas falas dos entrevistados foi destacado, partindo da estrutura de palavras chaves até as categorias que serviram de base para a análise. Passando pelas três fases de codificação (aberta, axial e seletiva), na produção do relatório e consequentemente desse artigo, objetivo identificar qual o fenômeno central que se relacionou com as categorias selecionadas, a fim de sintetizar novos conceitos para dar conta das diferenças e semelhanças encontradas nas experiências em relação à literatura estudada.

#### 4. TRABALHO, MORADIA E MOBILIDADE – DANDO CORPO À SUBJETIVIDADE NEOLIBERAL

Trabalho, moradia e mobilidade podem ser interpretados por uma mesma chave analítica. A construção simbólica da imagem dos indivíduos passa, numa sociedade caracterizada por um capitalismo tardio<sup>8</sup>, inevitavelmente por esses pressupostos. O trabalho ocupa uma posição central na construção das identidades<sup>9</sup>, dessa forma, um conjunto de valores, comportamentos e expectativas já se encontram em processamento ao interagirmos com um médico, com um juiz, com um professor universitário ou com um faxineiro, um vendedor ambulante ou trabalhadores inseridos em postos “subalternos”. Essa interação simbólica altera as relações materiais, pois socialmente existiria um papel a ser desempenhado para cada tipo supracitado e as expectativas sociais frente a esses atores se apresentam de forma específica, assim como o tratamento reservado a cada um deles no interior da nossa sociedade (Goffman, 1985).

Partindo desse pressuposto, existe uma conexão direta entre o tipo de **trabalho** que cada indivíduo exerce (e as respectivas expectativas geradas por esse ofício), com o tipo de **moradia** que o mesmo habita, incluindo aqui a região da cidade em que reside (relacionada diretamente com a remuneração que tal ofício tende a receber, cálculo realizado em diálogo com a lógica do prestígio) e a forma como o mesmo exerce a **mobilidade** (se através do compartilhamento de transporte público ou por meio de transporte privado – e aqui também é válido ressaltar a hierarquia dos veículos, seja pela marca ou pelo modelo). Todos esses elementos estão presentes no jogo das interações sociais (Bourdieu, 2005) e estão ligados com

---

<sup>8</sup> O conceito de capitalismo tardio é utilizado para designar as sociedades que desenvolveram seu capitalismo na periferia do sistema, pós Segunda Guerra. No caso brasileiro, o conceito é encimado na obra “Capitalismo tardio e sociabilidade moderna” de autoria de João Manuel Cardoso de Mello e Fernando Novais. Apesar da obra não fazer parte do conjunto de análises dessa pesquisa (que se preocupa com os atores e não com o cenário), é importante contextualizar as diferenças da sociabilidade capitalista no Brasil, principalmente porque o conceito de subjetividade neoliberal é oriundo da experiência francesa. Dessa forma, a sociabilidade brasileira estaria encimada na histórica relação com o trabalho escravo e na impossibilidade de mobilidade social, alterada a partir das possibilidades de acesso em massa ao ensino superior. Essa vivência não ocorre na França, que desde o fim do século XIX universalizou seu sistema de ensino. No caso brasileiro, a educação, a moradia e o transporte estão relacionados à subjetividade neoliberal de maneira mais intensa, porque esses elementos são fatores de distinção social e de acesso à cidadania, não universalizada. O único meio de se transpor essa barreira seria pelo mérito do trabalho e estudo, agora possível graças as políticas públicas.

<sup>9</sup> Notemos que em qualquer noticiário televisivo as pessoas são identificadas pelo nome e pela profissão que exercem ao cederem opiniões em entrevistas.

o *habitus* de cada grupo. O ProUnista escolhe suas opções de curso (e conseqüentemente suas carreiras) e instituições de ensino considerando esses fatores.

O estudante FS, ProUnista na Universidade Nove de Julho – Campus Barra Funda, explica essa relação, antes mesmo de cursar o ensino superior, ainda no ensino médio:

“Quando eu me mudei ‘pra’ zona oeste foi justamente buscando alternativas melhores pra educação né? A gente [família] visava uma melhor locomoção ‘pro’ trabalho e pra escola, porque eu ainda estava estudando. A qualidade do ensino das escolas na zona oeste, quando eu saí da zona leste pra ir pra zona oeste, pro Butantã, eu saí de “Itaquá” [‘Itaquá’quecetuba] pra ir pro Butantã, atravessamos a cidade. Pra você ter uma ideia, eu estudava no primeiro ano do ensino médio, lá em “Itaquá”, eu não tinha tido aula de física e química ainda, eu fiquei seis meses sem essas disciplinas. Eu fui ter aula de física e química quando eu fui ‘pro’ Fernão Dias [Escola Estadual Fernão Dias Paes], em Pinheiros no segundo semestre, foi o primeiro contato que eu tive com química e física, foi na reta final do ano letivo”. (FS, 2016).

“Pra’ poder ter contato com uma escola pública de mais qualidade, os alunos saíam dos seus bairros, das suas cidades, pra ir estudar lá. Por exemplo, nas escolas de “Itaquá” os alunos... Eu mesmo não tinha essa concepção de que ao terminar a escola eu entraria numa faculdade, os alunos de ‘Itaquá’ se quer tinham essa percepção. Lá no Butantã, os alunos que iam pra Pinheiros, pra estudar, eram alunos que já ‘tinha’ em mente que estavam indo pra Pinheiros por conta de uma educação com mais qualidade e depois ter uma chance melhor no mercado de trabalho e ingressar numa faculdade. A mentalidade já era diferente. Em ‘Itaquá’, o aluno não se importava se a escola era ruim ou não, porque ele não tinha isso culturalmente no dia a dia, socialmente, isso já estava enraizado nele e terminava os estudos por terminar, se é que iria terminar”. (FS, 2016).

É notável a relevância que a **moradia** vinculada à **mobilidade** exerce na trajetória dos alunos ProUnistas entrevistados, principalmente em relação ao mercado de **trabalho**. Como a qualificação é a entrada para melhores oportunidades profissionais e em muitos casos não é possível encontrar instituições de ensino próximas as suas residências, o ProUnista vê-se obrigado a enfrentar uma jornada, muitas vezes exaustiva, para ter acesso à qualificação. Isso impacta consideravelmente na sua percepção acerca do bairro de origem, sendo constante a

vontade de mudar-se para outras regiões “melhores, assim que possível”, conforme diz MB, estudante da PUC-SP, que ao estudar numa das mais tradicionais universidades da cidade, no também tradicional bairro de Perdizes, compara a realidade local com seu bairro de origem, Itapevi, de onde saiu para estar mais próxima de onde estuda e trabalha:

“Eu moro com mais três estudantes [...] É um apartamento que a gente divide [...] Provavelmente eu não vou continuar morando aqui porque é muito caro né? Eu moro aqui porque eu preciso, porque a PUC ‘tá’ do lado, mas provavelmente eu vá pra um bairro mais barato depois... [...] Eu continuaria aqui, eu acho esse bairro muito bom, é maravilhoso! Óbvio que se eu tivesse dinheiro eu continuaria morando aqui”. (MB, 2016).

Nos raros casos em que os estudantes preferem permanecer em suas regiões, a presença de equipamentos públicos ou privados, como mercados, shoppings, corredores de ônibus ou estações de metro são apresentados como as principais razões, numa relação estratégica com o ambiente, racionalmente justificada. Não há de imediato uma justificativa de vínculos afetivos com a vizinhança ou com a região em si. A construção da relação é técnica, operacional e racionalizada para a *eficiência* da região. LI, estudante de Direito da UNICSUL, é um exemplo claro:

“[...] não mudaria, gosto de morar aqui. Porque é perto de tudo. Eu moro perto do shopping, perto do metrô, perto do trem, perto de escola, perto de tudo! Sim! Comodidade porque eu estou aqui, eu estou do lado do metrô, se eu atravessar a rua eu chego ao metro, tem terminal de ônibus, tem estação de trem, tem o shopping... No shopping tem mercado, tem farmácia, tem hospital perto, tem uma UPA a um quilômetro de casa”. (LI, 2016).

O trabalho por meio de um ofício qualificado exerce não apenas a possibilidade de ascensão social/material, mas também uma mudança de paradigma de caráter simbólico. Faz parte do *habitus* do ProUnista se estabelecer simbolicamente, por meio do empenho e do esforço, pois a expectativa de recompensa no final dessa trajetória é a sonhada *estabilidade*. O estudante FS, que cursa licenciatura em ciências sociais, deixa isso claro:

“[...] porque com um diploma a possibilidade de um emprego melhor, de uma remuneração melhor é bem maior. Eu sei que a minha área não dá tanto dinheiro, mas só de ter estabilidade, facilidade de conseguir

trabalho, já me deixa mais tranquilo. Escola tem um monte por aí, enquanto não abrir nenhum concurso na minha área, eu posso dar aula em alguma escola particular. Sem contar que posso conseguir uma bolsa de estudos pra minha filha”. (FS, 2016).

Ou seja, através do cultivo da subjetividade neoliberal, que produz sujeitos empreendedores e empresários de si mesmo, o ProUnista elabora sua trajetória de ascensão, justificando as dificuldades que enfrenta com transporte, moradia e trabalho na esperança de que num futuro próximo esses elementos sejam fatores de distinção e não de incômodo, quando passarem a exercer seus ofícios qualificados.

A estudante de marketing, MS, formada em fotografia com bolsa do ProUni na Universidade Anhembi Morumbi, reside no bairro da Bela Vista, região central da cidade de São Paulo. Sua família mudou-se do bairro do Grajaú quando ainda era criança por conta da violência e a sua relação com o entorno atualmente é ambígua:

“Sendo bem honesta? Eu acho que eu moraria onde eu moro. Mas num prédio diferente, porque meu prédio é muito ‘zuado’ (risos). Eu moraria na Bela Vista mesmo, mas num prédio diferente, com uma estrutura melhor, porque eu gosto do meu bairro, é tudo perto, querendo ou não, vir pra cá eu demoro quinze minutos andando. Eu vou pra Paulista – Avenida Paulista – eu vou andando, eu vou ‘pro centro’ eu vou andando. [...] Os meus vizinhos não são pessoas educadas que dá pra se conviver, sabe. São pessoas... Não é nem o caso, assim de ‘são’ pessoas mais simples, não! São pessoas mal educadas. Mas isso está mudando um pouco, está se mudando um pessoal mais... Mais ‘legalzinho’ e aí eu estou achando mais legal. MAS... Se eu pudesse escolher eu não moraria lá por causa dos meus vizinhos mesmo. Eu acho que o pessoal... Que as pessoas são muito ignorantes sabe? E não é nem assim... Eu não estou falando de estudo, de classe social. Não, eu estou falando disso... [...]”. (MS, 2016).

É válido ressaltar um elemento da subjetividade neoliberal: *a busca constante pela maximização e otimização de todas as esferas da vida*. Dessa forma, o *indivíduo-empresarial* procurar relacionar-se com outros indivíduos que partilham dos mesmos valores, num processo de reafirmação mútua dessas características (Dardot, Laval, 2016, p. 346). Por se ver rodeada de pessoas “mal educadas” a estudante passa a desejar uma nova moradia, condizente com quem ela *veio a se tornar ao se formar numa universidade de renome*. Esse conjunto de valores e visões de mundo que compõe o *habitus* da ProUnista vem ao encontro com a



hipótese levantada no início da pesquisa: **a ascensão social se dá também na construção da autoestima e da valorização do indivíduo pelo esforço empreendido em “mudar de vida” e em integrar um novo *habitus* de classe.**

A estudante conclui, por exemplo, que seu desempenho acadêmico é fruto de muito trabalho e estudo e que espera o melhor resultado por conta disso: “[...] eu me esforço muito pra me qualificar. Nada mais justo do que uma boa remuneração, afinal o mérito é meu”. A mudança de profissão, do mercado de arte (fotografia) para o mundo do marketing, além da possibilidade de maior retorno financeiro, também encontra guarita na autoestima, na maneira como a sociedade passou a interagir (Goffman, 1985) com ela uma vez formada:

“Você vê que na prática o pessoal não dá nenhum valor... É aquela brincadeira do “Ai moça, sua câmera é ótima”... Acontece mesmo todo dia, toda hora. É todo tipo de pessoa... Desde a pessoa mais rica do mundo, ela acha que quem faz o trabalho todo é a câmera e *você não é ninguém ou você está lá pra servir*”. (MS, 2016).

A relação com o transporte também se conecta com a autoestima, com a socialmente construída dos arquétipos sociais que se valem de cada modalidade de locomoção. Possuir um automóvel se configura como um status, um exemplo material da ascensão social, representada pelo conforto na locomoção.

“Eu gostaria de ser mais ‘chic’ e usar o Uber, mas eu não uso. Ou eu ando de carro com o Dário – aponta pro namorado sentado ao lado – porque é mais fácil assim, só no final de semana, quando a gente tem que ir em algum lugar a gente vai mais de carro porque é mais fácil. Mas dia de semana eu vou de ônibus. Quando eu não estou de ônibus eu estou à pé. Eu não pego mais metro”.

Outra relação que se estabelece com o transporte é a possibilidade de *otimização* do tempo e consequente aumento da produtividade. Ou seja, a maioria dos estudantes desejaria gastar menos tempo de locomoção para aplicá-lo, de forma mais produtiva, a outras áreas da vida. É o caso da estudante LI:

“O melhor meio é o metrô, em minha opinião, porque o metrô não tem trânsito, você não tem trânsito no metrô, você tem eventualmente as falhas, mas ele é o melhor meio. [...] Gasto duas horas de transporte, se tivesse mais tempo, iria mais cedo pra academia”. (LI, 2016).

O estudante FS mora há nove meses no centro da cidade, na região da República. Com experiências de moradia no extremo leste da capital e depois na zona oeste, FS menciona a facilidade que tem ao gastar apenas quinze minutos diários para ir até a Barra Funda, onde cursa sua graduação na UNINOVE:

“[...] levo dez ou quinze minutos no máximo para chegar [...] hoje não vejo porque reduzir meu tempo de locomoção, mas antigamente – quando morava longe – eu pensava que podia estudar mais, perdia duas horas pra ir e pra voltar, pelo menos [...] com o meu tempo livre estou procurando emprego na minha área”. (FS, 2016).

Dessa maneira é possível concluir que os elementos elencados – **trabalho, moradia e mobilidade** – estão em relação direta, num ecossistema orgânico. A expectativa por um emprego qualificado acompanha a possibilidade de moradia ideal ou desejada, que se materializa em melhores condições de transporte, associado diretamente à qualidade de vida (essa qualidade é medida pela interação simbólica com outros indivíduos). A maneira mais eficaz de se conquistar essas demandas internas (e também sociais) é através da *disciplina do trabalho e do estudo*, pela otimização de todos os recursos necessários e disponíveis (privados ou públicos), presentes na lógica da *gestão eficaz* que compõe a trajetória de ascensão do ProUnista, tendo no seu corpo o capital [humano] e conseqüentemente todos os recursos necessários para *empreender* uma trajetória de ascensão.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelas respostas frente às hipóteses levantadas sobre a identidade e subjetividade do estudante universitário contemplado pelo ProUni apresentou um retrato da vida desses indivíduos. Suas origens, seus caminhos, suas lutas travadas diariamente para conquistar um “lugar” na sociedade que, para as gerações anteriores de suas famílias, não passava de um devaneio. *Ingressar na universidade não é visto como apenas uma conquista individual para essas pessoas, mas como uma conquista familiar* – esse é o ponto mais interessante da subjetividade neoliberal expressa no *habitus* do ProUnista. Se por um lado o individualismo é um dos pressupostos fundamentais do *indivíduo-empresarial*, o ProUnista lapida todo o “capital humano” que têm a seu dispor para ascender social e economicamente, mas não apenas por si, mas também em nome do sonho de sua família.

Dessa maneira, o que se realizou foi uma espécie de “etnografia sociopolítica”, com extensa atenção aos aspectos subjetivos presente nas narrativas, práticas e valores desses atores. A pesquisa buscou compreender a existência e a relação entre a *mentalidade* neoliberal, o processo de *qualificação* acadêmica e a *meritocracia* enquanto valor máximo nas mais diversas esferas da vida dessas pessoas.

Estar presente em um novo ambiente, possuir ferramentas novas, capazes de enfrentar uma lógica social que exclui em grande medida essas pessoas, as torna detentoras de um poder, um poder que as aproxima das “típicas” figuras universitárias (brancas e abastadas): anteriormente as vozes exclusivas desses ambientes.

O estudante universitário contemplado por essa política pública nos mostrou que reivindica um lugar: um lugar no mercado, um lugar na academia e um lugar na sociedade – esse lugar é, antes de tudo, um lugar de cidadania (embora esse conceito esteja em disputa e em transformação na atual conjuntura internacional, em especial num país que apenas em 2014 registrou a saída do Mapa da Fome<sup>10</sup> da

---

<sup>10</sup> A FAO (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação) divulga periodicamente, desde 1990, o Mapa da Fome no mundo, indicando em quais países há parte significativa da população ingerindo uma quantidade diária de calorias inferior ao recomendado. Para sair do mapa, o país deve ter menos de 5% da população ingerindo menos calorias do que o recomendado. Atualmente, estão acima desse percentual, por exemplo, a Namíbia, com 42,3% da população nessa situação, a Bolívia, com 15,9%, a Índia, com 15,2%, e a

ONU). Com todas as suas contradições, com todas as suas dificuldades (por ser pioneiro nesse mundo), preserva a coerência de sua origem, se tratando da primeira geração a se destacar para os olhos de quem já estava “lá” e de quem nunca esteve “lá”.

O prounista carrega consigo o peso do anseio pela ascensão, em meio às barreiras impostas pela organização da sociedade – sua trajetória é permeada por sacrifícios, trabalho e uma exigência (tanto auto realizada quanto a exigida pelo meio em que vive) de competência. O resultado é a mescla da subjetividade neoliberal, do valor do esforço, do trabalho e do estudo em confluência com um reconhecimento da necessidade de tal política para realizar a sua trajetória.

O ProUni se tornou direito e não benefício e é lido pelos prounistas como o “mínimo” que os Estado lhes deve mediante séculos de desinvestimento generalizado, intensificação das contradições de classe, do racismo, sexismo e elitismo, tão inerentes à construção das clivagens sociais no Brasil.

Dessa forma, concluo que o *indivíduo-empresarial* está presente na construção da identidade do prounista e, se faz necessário para que a exaustiva jornada tenha resultados efetivos e dentro do sonhado, no entanto, existe um caráter próprio, talvez unicamente encontrado no brasileiro, que não encaixa por completo o conceito elaborado pelo filósofo Pierre Dardot e o sociólogo Christian Laval: o individualismo esperado desse indivíduo e a negação da política em favor do mercado não está presente no prounista brasileiro, como no cidadão francês que já goza plenamente de direitos universais de moradia, educação e saúde desde a formação de uma coalização de classes no pós-guerra, na segunda metade do século XX.

O prounista é um empresário de si mesmo, um gestor da própria vida, mas que busca “cidadania”, participação e, principalmente, um lugar de reconhecimento e de ampliação de sua voz.

---

Colômbia, com 8,8%. O Brasil permaneceu acima do índice de 5% até 2013. Em 2014, registrou 3% de população ingerindo menos calorias que o recomendado e saiu pela primeira vez das cores avermelhadas do mapa.

Disponível em: < <https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/07/23/Como-o-Brasil-saiu-do-Mapa-da-Fome.-E-por-que-ele-pode-voltar> >. Acesso em 11 de setembro de 2017.

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. *A distinção*. Porto Alegre: Zouk, 2015a.
- \_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2015b.
- \_\_\_\_\_. **A produção da crença – contribuição para uma economia dos bens simbólicos**. São Paulo: Zouk, 2004.
- BRAGA, Ruy. **A política do precariado – do populismo à hegemonia lulista**. São Paulo: Boitempo, 2012.
- CAMPOS; LIMA; SONAGLIO; ZAMBERLAN, “Evidências de desindustrialização no Brasil: uma análise com dados em painel”. **Revista de Economia Aplicada**, v. 14, n. 4. São Paulo: 2010, p. 347-372.
- CHAUÍ, Marilena. **A ideologia da competência**. São Paulo: Autêntica Editora, 2014.
- \_\_\_\_\_. “Uma nova classe trabalhadora”. In: **10 anos de governos pós-liberais. Lula e Dilma**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- DIEGUÉZ, Carla. “Lugar de jovem é na universidade! Políticas Públicas de educação e ampliação do acesso ao ensino superior brasileiro. In: DANTAS, Umberto (Org.) **Juventudes no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer, 2015.
- DUNKER, Christian. **O esgotamento da democracia liberal no Brasil**. São Paulo, 2016. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2016/04/11/o-esgotamento-da-democracia-liberal-a-61/>
- EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 1997.
- FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder**. São Paulo: Paz e Terra, 2015.
- GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis, Vozes, 1985.
- LAVAL, Christian; DARDOT, Pierre. **A nova razão do mundo – ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Boitempo, 2016.
- PIERUCCI, Antonio Flavio. **As ciladas da diferença**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- PORCHMANN, Marcio. **O mito da grande classe média**. São Paulo: Boitempo, 2014.

SINGER, André. **Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUZA, Jessé. **A construção social da subcidadania**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012a.

SOUZA, Jessé. **Os batalhadores brasileiros – nova classe média ou nova classe trabalhadora?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012b.

STRAUSS, A.; CORBIN, J. “Metodologia da Teoria Fundamentada”. 1997. Traduzido por Frederico José Andries Lopes. Disponível em: STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Metodologia da Teoria Fundamentada**: Acesso em 28 de outubro de 2011.

STRAUSS, Anselm; CORBIN, Juliet. **Basics of Qualitative Research: Grounded Theory, Procedures and Techniques**. Newbury: SAGE, 1990.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**: São Paulo, CIA das Letras, 2015.